



## **ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO EM QUATRO ESCOLAS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA EM PETROLINA – PE**

Davi carvalho Domingues Tavares<sup>1</sup>  
Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti<sup>2</sup>  
Edna Maria Alencar de Sá<sup>3</sup>  
Joilma Barbosa Ferreira de Sousa<sup>4</sup>

### **RESUMO**

Pensar em uma escola inclusiva é pensar em um espaço aberto, no qual a diversidade é tida como característica intrínseca à educação. Partindo desse ponto de vista, o presente estudo teve como objetivo conhecer e analisar práticas pedagógicas, na disciplina de Língua inglesa, desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Síndrome de Down, matriculados em classe comum. O estudo foi realizado em quatro escolas da rede pública e privada, envolvendo sete educandos de diferentes séries, desde a pré-escola até o ensino médio e cinco professoras de inglês. Além disso, foi feita uma investigação bibliográfica que desse o suporte à fundamentação teórica e ao exame das informações acolhidas, consultando autores que se destacam na área. Em relação às práticas desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com Síndrome de Down, foi possível perceber o comprometimento das professoras na busca por inovação no intuito de incluir todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem e pudemos observar o reflexo desse esforço no interesse dos educandos na disciplina de Língua Inglesa. Nesse sentido, constatamos que a educação inclusiva é um processo complexo, que vem acontecendo de maneira gradativa nas escolas, mas que envolve uma busca constante de aprimoramento.

**Palavras-chave:** Síndrome de Down, Aluno, Professor, Língua inglesa.

### **INTRODUÇÃO**

A discussão sobre a universalização do ensino, em especial sobre a escolarização de alunos com deficiência, ganha destaque a partir da década de 1990 com a disseminação do movimento pela inclusão, entendida como um processo no qual a sociedade deve transformar suas posturas para poder incluir, nos diversos sistemas sociais, as pessoas com necessidades especiais.

Desse modo, o direito ao processo de escolarização de alunos com deficiência está proposto no sistema jurídico, apoiado em documentos, que fundamentam as propostas educativas sob a perspectiva da Educação inclusiva, compreendida como o

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade de Pernambuco – UPE, [davicd3@gmail.com](mailto:davicd3@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em educação, Universidade de Pernambuco – UPE, [zairacavalcanti@hotmail.com](mailto:zairacavalcanti@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestra em educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [edna.alencar@gmail.com](mailto:edna.alencar@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestra em Letras pela Universidade estadual do Sul da Bahia – UESB, [joilmabarbosa@gmail.com](mailto:joilmabarbosa@gmail.com)



direito de todos os sujeitos, ao acesso, permanência e aprendizagem com qualidade na educação, independente de suas condições étnicas, econômicas, culturais e de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, apresentamos esse estudo de campo, que surgiu da vivência com alunos com Síndrome de Down (SD), os quais são inseridos nos contextos escolares, de ensino regular, em atendimento a norma da LDB lei Nº 9.394. A referida lei apregoa que a modalidade de educação escolar, para esses estudantes com deficiência, deve ser oferecida de preferência na rede regular de ensino. Também aponta que haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

Diante desse fato, surgiram as seguintes indagações: Como uma pessoa com Síndrome de Down, que já encara dificuldades de aprendizagem na aquisição da língua materna, lida com o desafio de aprender uma língua estrangeira? A inserção do aluno com SD no ensino regular ajuda no seu desenvolvimento cognitivo?

Para buscar respostas a tais indagações, o referido estudo tem como objetivo geral investigar como tem sido ministrada a disciplina de Língua Inglesa para alunos com Síndrome de Down matriculados em escolas de ensino regular, e como se dá a aprendizagem desses alunos.

Diante disso, em relação às práticas desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com Síndrome de Down, foi possível perceber o comprometimento das professoras na busca por inovação no intuito de incluir todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem, bem como observar o reflexo desse esforço no interesse dos educandos na disciplina de Língua Inglesa.

Assim, esperamos que os resultados obtidos possam contribuir com as reflexões acerca da inclusão de alunos com deficiência intelectual na escola no sentido de minimizar as barreiras ainda existentes nesse processo.

## **METODOLOGIA**

A construção dessa pesquisa deu-se por meio da abordagem qualitativa, a qual apurou opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, tendo o aporte teórico de autores como Botão (2013), Barbosa (2018), Caetano (2012) Voivodic (2008) e outros. Os dados obtidos são de natureza descritiva, relatando o maior número de



elementos existentes na realidade estudada, sem interferência dos pesquisadores. O presente estudo teve como espaço 4 (quatro) escolas do município de Petrolina – PE. Os instrumentos utilizados foram questionários com questões objetivas e subjetivas a alunos com SD, bem como a suas professoras de Língua inglesa.

Nesse sentido, às professoras foram feitos questionamentos quanto às metodologias, abordagens de ensino utilizadas nesse contexto e aos alunos sobre a aprendizagem e interesse pelo idioma.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### A importância do ensino da Língua inglesa

No contexto contemporâneo, a Língua Inglesa (LI) é a língua estrangeira mais ensinada no Brasil e está presente em muitos setores da sociedade, como no mercado alimentício, da moda, de estética, no cinematográfico, sendo possível encontrá-la em rótulos de produtos e propagandas de inúmeros ambientes, entre outras utilizações. O mundo globalizado sofre uma forte influência da LI, sujeitando as pessoas a terem pelo menos um pouco de conhecimento sobre esta, para terem um diferencial no currículo profissional para o mercado de trabalho atual. Considerada língua franca, tem em torno de 300 milhões a 400 milhões de falantes como língua estrangeira e segunda língua, além do número de falantes nativos, conforme Paiva (2010).

Assim sendo, o papel educacional da LI é importante para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essas novas experiências de vida, significando tanto uma abertura para o mundo próximo, quanto ao mundo distante, que hoje se aproxima mediante a dinâmica da multinacionalização da sociedade. Afinal, segundo Paiva (2010, p.14), a aprendizagem da LI é uma forma de ascensão e inclusão social, pois aquele que sabe inglês tem mais oportunidades, sendo essa aquisição tão importante como aprender uma profissão.

### A Síndrome de Down, Educação e Expectativas de futuro da pessoa com SD

A Síndrome de Down (SD) é a “alteração genética mais comum entre os seres humanos” (BOTÃO et al 2013, p. 2375). É caracterizada por uma anormalidade



genética resultante da trissomia do cromossomo 21, que pode ocorrer tanto antes quanto após a formação da célula inicial. No caso da trissomia, esse número é alterado, sendo que cada célula possuirá 47 cromossomos, com a presença de três cromossomos de um tipo específico ligados ao par 21. Essa alteração genética se origina do óvulo em 95% dos casos e do espermatozoide, em 5% dos casos, segundo Santos et al (2006). Não é uma doença, por isso não se fala em cura. É uma condição permanente que não pode ser modificada. Como qualquer outra pessoa, “o indivíduo com síndrome de Down tem variados tipos de habilidades e dificuldades que podem ser reduzidas, se as pessoas à sua volta tiverem uma atitude positiva em relação à síndrome de Down” (MOVIMENTO DOWN, 2014a, p. 23). Por isso não é adequado dizer que uma pessoa sofre, é vítima, padece ou é acometida por SD, mas, sim, que a pessoa tem ou nasceu com SD. No Brasil, segundo dados do IBGE, censo 2010, estima-se que ocorra um caso em cada 700 nascimentos, o que significa que nascem 8 mil bebês com SD por ano. A estimativa é de que vivem no país 300 mil pessoas que nasceram com a SD.

A educação inclusiva tem sido alvo constante de discussões. Embora a legislação vigente seja pontual e incisiva a favor da inclusão, ainda presenciamos manifestações de dúvidas, incertezas e resistências por parte de professores, pais e comunidade em geral. Nesse sentido, de acordo com Oliveira-Menegotto (2010), é de fundamental importância que possamos contribuir para a implementação de políticas públicas que possibilitem a inclusão.

No contexto da SD, a construção de expectativas em relação ao desenvolvimento e escolarização do aluno é influenciada por inúmeras variáveis, tais como: a forma como o diagnóstico é revelado, a condição psíquica da família, o apoio do entorno familiar, dentre outros. O discurso calcado nas impossibilidades dessas pessoas é produto de uma visão ultrapassada, de um período em que as pessoas com a referida síndrome ficavam privadas de inúmeras interações sociais, fadadas a permanecerem alheias ao social, sendo, portanto, pouco estimuladas. Todavia, em muitos países, segundo Barbosa et al (2018), tem-se buscado oportunidade de emprego para pessoas com síndrome de Down. Estratégias de trabalho têm sido criadas para apoiar essas pessoas e preparar o ambiente de trabalho para elas.

Abordagem pedagógica e ensino de inglês do aluno com SD



Uma boa educação é um bem que produz benefícios pessoais durante toda a vida. Isso não é diferente para pessoas com SD. Crianças se beneficiam das experiências de aprendizagem em escolas inclusivas, o que é um direito delas assegurado pela Constituição. As ferramentas necessárias para aprender a se desenvolver junto com crianças de sua idade devem ser providas pela escola. É importante destacar que cada estudante, independentemente de qualquer limitação, tem um perfil único, com habilidades e dificuldades em determinadas áreas. No entanto, algumas características associadas a SD merecem a atenção de pais e professores, como o aprendizado em um ritmo mais lento, a dificuldades de concentração e de reter memórias de curto prazo (MOVIMENTO DOWN, 2014).

Contanto, a aprendizagem de uma nova língua para pessoas consideradas “comuns”, ou sem alguma deficiência não é uma tarefa simples. Segundo Schütz (2006), trata de reaprender a estruturar o pensamento nas formas de uma nova língua, é um processo que equivale ao de assimilação da língua mãe pelas crianças. Desse modo, para a pessoa com SD essa tarefa se torna um desafio ainda maior, pelo comprometimento no desenvolvimento da linguagem, que mostra-se mais lenta.

Para Vygotsky (1994), a motivação é um dos fatores principais na aprendizagem de uma língua estrangeira e, se os alunos tem alguma dificuldade cognitiva, a utilização do lúdico, jogos, ou música, torna-se uma ferramenta eficiente. Caetano (2012) aponta que o ensino do inglês por meio da música é instigante e prazeroso, uma vez que o som da língua soa harmoniosamente.

Do mesmo modo, o auxílio de tecnologias computacionais utilizados em algumas escolas oferece aos alunos um novo olhar para o aprendizado de inglês, assim como para pessoas com SD, que percebem que seu mundo está cheio de possibilidades e conquistas. Isto proporcionará superação de limitações, aumento de autoestima e habilidades, que favorecem o processo de aprendizagem (PEREIRA, 2005).

O maior impasse para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais parece ser a crença de que todos os alunos devem se adaptar àquilo que é esperado para determinada série, currículo e faixa etária. Diferente dessa concepção, a educação inclusiva trabalha com as possibilidades de cada aluno, esperando que cada um atinja o seu máximo (MRECH, 2001). Trata-se de um trabalho com enfoque na singularidade de cada aluno, o que requer um olhar que vá além das metodologias pedagógicas. Sendo assim, para Fabrício et al (2007) quando falamos de educação





inclusiva, salientamos a importância de o professor olhar para o aluno como alguém capaz de transformar, o que é possível quando ele desloca o olhar da patologia.

#### Relação professor, aluno / família

A família constitui o primeiro universo de relações sociais da criança. Porquanto, é no seio familiar que a criança pode encontrar um ambiente favorável de crescimento e desenvolvimento ou um ambiente desfavorável, que na verdade gera dificuldades. Conforme Silva e Dessen (2002), certamente é difícil para a família o momento do nascimento de uma criança com algum tipo de deficiência. Aceitar e entender a chegada desse novo membro familiar é imprescindível, mas, antes, a família passa por um desequilíbrio emocional até chegar a uma adaptação. Ela também é sobrecarregada financeiramente, no que se refere aos cuidados com a criança. Neste sentido, sentimentos de ansiedade, incerteza e estresse afetam os pais. Para as autoras, o equilíbrio da família é variado e depende dos recursos psicológicos de que ela dispõe. É muito importante que essas famílias tenham um acompanhamento social, emocional e clínico que vise à qualidade das interações e relações familiares com a sociedade, de maneira a acomodar criança e família à nova realidade.

Para Voivodic (2008, p. 54), “Famílias que conseguem manter a ligação afetiva, estreita e positiva com a criança favorecem a aprendizagem, proporcionando condições de desenvolvimento e segurança para sua independência e autonomia”. Assim, a família se torna mediadora das relações da criança Down com a escola, com a sociedade e com os diversos ambientes. A educação de uma criança inicia no âmbito familiar onde adquire conhecimentos básicos para a sobrevivência por meio de uma educação não formal. O processo do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem se dará mais rápido quando a criança for integrada às atividades cotidianas e concretas, sem abstrações, visto que, a família deve acompanhar todo o processo escolar e dar continuidade com atividades diárias em casa.

Segundo Casarin (2003), na idade escolar, é mais difícil para os pais lidarem com os filhos que possuem a SD e muitas crianças são privadas do próprio direito à educação, ou seja, segregadas pela própria família que, às vezes, acreditam não valer a pena expor a criança a situações de aprendizagem. Dessa maneira, elas pouco se desenvolvem cognitivamente devido a falta de envolvimento e comprometimento da



família em relação ao ensino escolar. No entendimento deste autor, crianças com SD que frequentam escolas de ensino regular e têm pais comprometidos com a sua aprendizagem e desenvolvimento, apresentam maior resultado e desempenho escolar.

Na mesma perspectiva, Mills (2003) afirma que educar uma criança com a SD é uma atividade que exige além da integração social com os colegas, um momento de atendimento individualizado por parte do professor que deve considerar as dificuldades de aprendizagem do aluno. Neste sentido, o docente deve esgotar os recursos de que dispõe, como: metodologias, materiais didáticos e tempo para execução das atividades, desde que a prioridade não esteja somente na metodologia, mas principalmente na relação ensino-aprendizagem que a prática pedagógica exige.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foi realizada uma pesquisa de campo em 04 escolas do município de Petrolina, onde foram entrevistados 07 alunos com SD, com faixa etária entre 05 e 20 anos, da educação infantil até o Ensino Médio e 05 professores de Língua inglesa. Esses sujeitos receberam nomes fictícios nesta análise de respostas. Vejamos, assim, a percepção dos participantes acerca da temática em estudo:

- **Processo Ensino-aprendizagem do aluno**

Em relação ao processo ensino aprendizagem do aluno com SD e com base nas respostas dos questionários aos cinco professores inquiridos, pudemos verificar uma heterogeneidade na forma de aprendizagem. Enquanto duas professoras informaram que os alunos ficam alheios ao conteúdo ministrado, as outras dizem que seus alunos conseguem acompanhar o conteúdo ministrado de forma adaptada e com auxílio.

Ela aprende com muita facilidade mas algumas atividades precisam ser orientadas (...) adaptamos questões com imagens e colagens. (Profª Ana)

(...) Mas, há atraso na linguagem. Não tem muita verbalização. Gostam de aprender com o lúdico: música, fantoches, danças. (Profª Isa)

Tais respostas corroboram com o pensamento de Vygotsky (1994) em relação a atividades lúdicas, quando afirma que é uma ótima ferramenta pedagógica ao desenvolvimento dos aspectos sócio cognitivos dos educandos com alguma deficiência,



com o intuito de promover a motivação e a aprendizagem mais significativa. Sobre o assunto, Caetano (2012) assegura que o ensino de música na sala de aula é divertido e prazeroso, pois os alunos gostam de saber o que a música diz na língua estrangeira e há diversas maneiras de explorá-la

- A inclusão do aluno com SD no ensino regular

Quando questionadas sobre se o tipo de atividade utilizada com os alunos com SD e com o demais alunos era o mesmo, uma delas relatou que consegue um resultado satisfatório utilizando as mesmas atividades com algumas adaptações. Nesse caso, a aluna usa o mesmo livro que os demais.

. Sendo assim, Fabrício et al (2007) diz que quando falamos de educação inclusiva, salientamos a importância de o professor olhar para o aluno como alguém capaz de transformar uma sociedade, o que é possível quando ele desloca o olhar das limitações do aluno para suas potencialidades.

Tratando-se do relacionamento entre os alunos, as cinco professoras foram unânimes em dizer que eles se relacionam muito bem e que há uma certa proteção aos alunos com SD, conforme constatamos nos excertos abaixo:

Eles tratam os alunos com SD iguais a bebês. Sempre os protegem e o ajudam. Mesmo quando os Downs são agressivos. (Profª Isa)

De amizade, acolhimento, respeito. Eles são unidos e se orgulham de ter uma colega com SD na turma (...) Esse comportamento se deu pela naturalidade com que ela foi se enquadrando no processo com os colegas e professores. (Profª Rosa)

Como qualquer outra pessoa, o indivíduo com SD tem variados tipos de habilidades e dificuldades que podem ser reduzidas se as pessoas à sua volta tiverem uma atitude positiva em relação à síndrome de Down. Casarin (2003) afirma que para um bom desenvolvimento da criança down, é necessário que os pais, desde o nascimento tenham a preocupação de apresentar e incluir a criança na sociedade.

- O papel do professor na vida do aluno com SD

Acerca disso, as professoras foram interrogadas sobre a trajetória escolar de seus alunos com SD. Se a conheciam, deveriam comentar sobre se o aluno recebe atendimento especializado, se ele está estudando pela primeira vez e quais motivos levaram os pais a matricularem seus filhos no ensino regular.





(...) Não tem acompanhamento de um especialista e a mãe parece não entender as dificuldades da filha. (Profª Maria)

A “nossa pequena” faz acompanhamento especializado extra escolar, além de receber estímulos que enaltecem o desenvolvimento dela no âmbito familiar. Ela está conosco desde a ed. Infantil e exceto por questões motoras e de acompanhamento, ela desenvolve e interage normalmente. (Profª Ana)

Conforme Silva e Dessen (2002) a trajetória da criança Down pode ser melhor se ela encontrar na sua família apoio e um ambiente favorável. Como pudemos observar no discurso da Profª Maria, alguns pais parecem não compreender as necessidades por não aceitarem a condição genética do filho, o que pode dificultar o desenvolvimento cognitivo e a superação dos seus desafios.

- Perspectiva de futuro do aluno com SD

Com respeito as habilidades que seus alunos podem alcançar e sobre a expectativa quanto ao futuro em relação a profissão ou vida acadêmica deles, todas foram bem otimistas, como exemplificam as falas abaixo:

O céu é o limite! Todos têm capacidades para desempenhar a função que for escolhida por ele. No mundo da inclusão, as oportunidades estão cada vez mais visíveis (...) (Profª Isa)

A pessoa com Down pode ser inserida no mercado de trabalho em diferentes profissões. Isso é uma questão de oportunidades e investimento da família e do estado com políticas inclusivas de fato. (Profª Rosa)

Se no passado as pessoas com síndrome de Down já nasciam determinadas à exclusão social, na atualidade, segundo Barbosa et al (2018), estratégias de trabalho têm sido criadas para apoiá-las e preparar para elas ambiente adequado, de modo a favorecer o seu desenvolvimento.

- Visão dos alunos com síndrome de down sobre as aulas de língua inglesa

Todos os sete alunos que participaram dessa pesquisa afirmaram que se sentem atraídos pelas aulas de inglês, pois marcaram “sim” à pergunta e ao serem indagados sobre o contato com a LI fora da escola Elis, Eva e Téó foram unânimes, afirmando que têm acesso a algum tipo de conteúdo em casa:

Em casa: música pelo no youtube. (Téó)



Musica sorry. (Eva)

As respostas dos alunos nos reportam às ideias de Paiva (2010) acerca da hegemonia, importância e necessidade de aquisição do inglês na atualidade. O auxílio das tecnologias modernas oferece aos alunos com SD um novo olhar para o aprendizado desse idioma, os quais podem descobrir que seu mundo está cheio de possibilidades e conquistas (PEREIRA, 2005).

Ao se tratar das atividades de inglês no livro ou caderno, Liz e Ravi relataram que recebem auxílio da família para a realização das tarefas, como constatamos nos excertos abaixo:

Tia, Lucineide, Caio (irmão), vovô (João) e Creuza (empregada). (Liz)

Mamae e papai. (Ravi)

Conforme Voivodic (2008), o papel da família é de extrema importância, cabendo a ela acompanhar todo o processo escolar e dar continuidade com atividades diárias em casa.

Dessa forma, entendemos que a compreensão da necessidade de Inclusão escolar, aliada à prática pedagógica adequada e contribuição da família nesse processo são imprescindíveis à construção do conhecimento de LI de alunos com SD e desenvolvimento de sua cidadania.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse estudo, procuramos discutir a respeito do ensino do inglês para alunos com SD matriculados em escolas de ensino regular, trazendo sucintamente questões como metodologias utilizadas no ensino de LI para esses discentes, a relação do professor com o aluno especial e família e as expectativas quanto ao futuro da pessoa com SD no âmbito profissional e acadêmico. Tivemos como posicionamento estudos de autores que buscam melhorias e inovações para uma educação inclusiva mais eficaz.

Sobre os resultados encontrados e diante das indagações apresentadas no início desse estudo, pudemos constatar que os professores de LI investigados têm adequado entendimento quanto ao conceito de inclusão de alunos com SD no ensino regular. Nos seus discursos, constatamos que possuem experiência com a inclusão escolar de alunos



com deficiência intelectual, comprometimento e buscam por inovação no intuito de favorecer o processo de ensino-aprendizagem, o que supera a mera socialização desse indivíduo em sala, garantindo contribuições no desenvolvimento de habilidades desses discentes, além de torná-los protagonistas na construção do seu conhecimento.

Do mesmo modo, verificamos também um reflexo positivo nos alunos, os quais apresentaram um alto interesse e conhecimento adequado de inglês ao nível esperado de suas respectivas séries, o que poderá lhes favorecer quanto à aquisição do idioma.

Mesmo sem a intenção de apresentar conclusões definitivas, nossa expectativa é de que este estudo possa oferecer uma contribuição para a reflexão acerca do processo inclusivo de pessoas com deficiência intelectual, no ensino regular, visto que há casos em que acontece apenas a inserção desse indivíduo na sala de aula.

Por fim, esse estudo tem a contribuir com a nova postura exigida da escola, pressupondo, entre outros aspectos: mudanças de concepções e atitudes em relação aos alunos com deficiência intelectual, bem como poderá trazer contribuições às reflexões na área da linguística aplicada no que tange a relevância do ensino de LI na atualidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Talita Maria M. F. Lima, Ivonaldo Leidson B. Alves, Giorvan Ânderson dos Santos. Delgado, Isabelle Cahino. **Contribuições da Fonoaudiologia na inserção de pessoas com síndrome de Down no mercado de trabalho.** João Pessoa (PB), Brasil. 2018. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/2317-1782/20172016144> Acesso em 16 de outubro de 2018.

BOTÃO, R. B. de S. et al. **Busca e adesão a tratamento: aspectos ociodemográficos e biológicos dos usuários com Síndrome de Down de um serviço de aconselhamento genético.** In: VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 05 a 07 de setembro de 2013. p. 2375-2386.

CAETANO, J. M. P; FETTERMANN, J. V. **Ensino de línguas e novas tecnologias: diálogos interdisciplinares.** Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2012.

CASARIN, Sonia. **Aspectos psicológicos na Síndrome de Down.** In: José Salomão Schwartzman. (Org). Síndrome de Down. 2 ed. São Paulo: Memnom: Mackenzie, 2003. p. 263 – 280.

FABRÍCIO, Nívea Maria de Carvalho; SOUZA Vânia Carvalho Bueno de; ZIMMERMANN, Vera Blondina. **SINGULARIDADE NA INCLUSÃO.** Editora: PULSO. 2007.



MILLS, Nancy Derwood. **A educação da criança com Síndrome de Down.** In: SCHWARTZMAN, José Salomão. (Org). Síndrome de Down. 2 ed. São Paulo: Memnom: Mackenzie, 2003. Cap. 3, p. 232 – 262

MOVIMENTO DOWN. **Três vivas para o bebê – guia para mães e pais de crianças com síndrome de Down.** 2014. 39p. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/2013/07/cartilha-tres-vivas-para-o-bebe-disponivel-para-download/> Acesso em: 27 set. 2018.

MRECH, L.M. **Educação inclusiva: realidade ou utopia.** 2001. Disponível em: [www.educacaoonline.pro.br/educação\\_inclusiva\\_realidade\\_ou\\_utopia.html](http://www.educacaoonline.pro.br/educação_inclusiva_realidade_ou_utopia.html) Acesso em: 20 set 2018.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, Lisiane Machado de; MARTINI, Fernanda de Oliveira and LIPP, Laura Kolberg. **Inclusão de alunos com síndrome de Down: discursos dos professores.** Fractal, Rev. Psicol. [online]. 2010, vol.22, n.1, pp.155-168. ISSN 1984-0292. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922010000100012>

PAIVA, Vera L. M de O. **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências.** 4ª edição, Campinas, SP, 2010

PEREIRA, Eliana da Costa; **Informática e Educação Inclusiva: Discutindo Limites e Possibilidades.** (Tese) Santa Maria – Santa Maria, 2005.

SANTOS, J.A.; FRANCESCHINI, S.C.C.; PRIORE, S.E. **Curvas de crescimento para crianças com síndrome de Down.** Revista Brasileira de Nutrição Clínica, São Paulo, v.21, n.2, p.144-8, 2006.

SCHÜTZ, Ricardo; **O aprendizado de línguas,** disponível em <http://www.english.sk.com.br/sk-apre2.html> Acesso em: 25 de junho 2018.

SILVA. Nara L. P; DESSEN, Maria A. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família.** Interação em Psicologia, ano 02, vol 6, jul./dez. 2002, p. 167-176. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3304/2648> Acesso em 20 de setembro e 2018.

VOIVODIC, Maria Antonieta M. **A. Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VYGOTSKY, L S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.